

O TIRO CIVIL

Orgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes

PROPRIETARIOS:— Anselmo de Souza e Palermo de Faria

| Publicações | |
|------------------------------------|---------|
| Annuncios, cada linha, typo commum | 20 réis |
| Comunicados | 60 " |
| Reclamos | 100 " |
| Artigos | 200 " |

LISBOA

Quinta feira 9 de julho de 1896

| Assignaturas | |
|--------------------------------------|----------|
| Lisboa, série de 12 numeros..... | 300 réis |
| Provincias, séries de 24 numeros.... | 600 " |
| Numero avulso | 50 " |
| Paizes da união postal, 24 numeros.. | 15000 " |

RESUMO

A fortificação improvisada e o tiro moderno, por Miguel Garcia — Carreira de tiro. — Club dos caçadores do Porto: escola de tiro, por Baptista de Sá.—O defezo, por Anselmo de Sousa.—A caça das codornizes, por Heitor Olivares.—Legislação sobre o tiro. — Ate que emfim, por Baptista de Sá.—O rhinoceronte.

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos estimaveis assignantes e a todos os collegas que nos honram com a troca, o favor de nos enviarem toda a correspondencia para a Rua de S. Paulo, 216, 3.º.

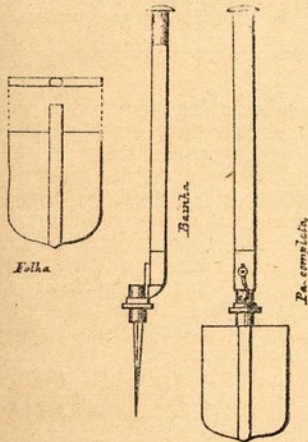
A FORTIFICAÇÃO IMPROVISADA

E O TIRO MODERNO

(Continuado do n.º 70)

VII

O peso que sobrecarrega o soldado é menor sem duvida, mas a complicação de todo o systema e a pouca consistencia que julgamos deve ter todo o apparelho, e especialmente a folha pela sua forma de lamina, não nos parece que na pratica dêem resultados completamente agradaveis. Tambem a parte da folha onde se introduz a bayoneta, está sujeita a amolgar-se ou partir quando o esforço sobre o terreno fôr grande. Tem ainda o inconveniente de só poder ser usada pela infantaria que tenha a bayoneta como arma branca.



E' contudo engenhosa a ideia por isso aqui a apresentamos.

Um simples estojo preso ao cinturão pôde transportar a folha.

Segundo julgamos, talvez que um utensilio semelhante á pá Wallace com cabo que se podesse desagregar da folha por qualquer fôrma, satisfizesse ao fim desejado.

Em cada fila o chefe conduziria a folha, suspensa do cinturão e o serra-fila o cabo atravessado na mochila junto ao malote; d'esta fôrma a picareta podia ter maior desenvolvimento.

Sem sobrecarregar muito o soldado, cada batalhão poderia dispôr de um numero de utensilios tal, que, sobre o campo de batalha e com o auxilio dos seus sapadores de profissão se poderia cobrir com grande rapidez e proceder mesmo a trabalhos de campanha de maior desenvolvimento.

Haveria toda a vantagem em que as dimensões da folha e do cabo fossem combinadas de maneira a corresponderem ás grandezas das nossas trincheiras-abrigos e abrigos para atiradores.

Ainda mesmo que se distribuíssem apenas 4 ou 6 pás d'estas por esquadra da companhia, ainda assim o auxilio seria grande em campanha, e durante a paz a instrução seria ministrada sem grande esforço.

Não é só na construcção das trincheiras e abrigos de terra que a ferramenta portatil pôde ter applicação; é em todas as occasiões, nas variaveis phases das batalhas; n'uma retirada em que as muares e carros de ferramenta de transporte tenham sido abandonadas ou não possam por qualquer transtorno chegar á linha de batalha, a tropa dará todo o valor a esses pequenos utensilios, cujo emprego combinado com os trabalhos e protecção do pelotão de sapadores até na defeza de uma povoação, de um bosque, etc., será de um effeito grandioso.

Está assente que a infantaria na defeza de uma povoação se não estabeleça desde logo nas proprias habitações, que são o alvo principal que a artilheria procura e desmorona. Ella deve concentrar o grosso da defeza na orla da povoação, nos jardins, á rectaguarda dos muros, das sebes, etc., tendo algumas fracções em columna sobre os flancos e com a reserva em uma praça abrigada e espaçosa.

Ora para tornar defensivos os muros e as sebes torna-se muito util a ferramenta portatil.

Os combates das aldeias gosaram de uma grande importancia na campanha franco-prussiana, o valor attribuido pelos dois exercitos belligerantes nos preparativos da defeza é curiosissimo como consequencia natural da importancia crescente do combate disperso, devendo assegurar-se o emprego de todos os objectos locais.

Se não se dispozer para a organização defensiva, de um parque que facilite as ferramentas necessarias, é preciso proenralas e se a defeza tem de ser immediata a demora compromette.

A ferramenta portatil distribuida como o está na infantaria franceza é um elemento valiosissimo na fortificação dos campos de batalha.

Na guerra nem sempre se dispõe dos recursos proprios, por isso é bom habituar

a contar com as faltas, supprindo-as primeiro.

Acabamos de estudar tão desenvolvidamente quanto nos foi possivel a ferramenta portatil em uso nos principaes exercitos europeus, (pelo menos a que podemos conhecer), por julgarmos isso indispensavel para a continuação dos nossos serões, e vamos agora a entrar nos perfis das trincheiras de batalha e sua construcção pelo emprego das pás d'infanteria.

(Continúa)

Miguel Garcia,
(Tenente d'Infanteria)

CARREIRA DE TIRO

No domingo 5 do corrente dispararam-se 670 tiros com a arma de guerra, dando o seguinte resultado:

| | Disparados | Acertados |
|--------------------------|------------|-----------|
| Alvo a 100m, normal..... | 30 | 29 |
| » » 200m, » | 60 | 51 |
| » » 300m, » | 120 | 325 |
| » » 400m, » | 160 | 78 |
| Total..... | 670 | 483 |

Associação dos Atiradores Civis Portuguezes

Os socios d'esta associação fizeram 390 tiros com o seguinte resultado:

| | Disparados | Acertados |
|--------------------------|------------|-----------|
| Alvo a 200m, normal..... | 50 | 46 |
| » » 300m, » | 240 | 195 |
| » » 400m, » | 100 | 63 |
| Total..... | 390 | 304 |

Distinguiram-se os srs: H. Herrmann, alvo a 200m, 10 em 10; alvo a 300m, 20 em 20; alvo a 400m, 10 em 10; não é possivel haver um resultado mais completo do que este; 40 tiros a 3 alvos, todos acertados!

Gil Portocarrero, alvo a 200m, 8 em 10; alvo a 300m, 33 em 40; e alvo a 400m, 4 em 10.

J. Consiglieri Pedroso, alvo a 200m, 10 em 10.

Ligorio da Silva, alvo a 200m, 9 em 10; alvo a 300m, 15 em 30.

Agostinho M. de Sousa, alvo a 200m, 9 em 10; alvo a 300m, 7 em 10.

João de M. Carvella, alvo a 300m, 18 em 20; alvo a 400m, 12 em 20.

Manoel José de Magalhães, alvo a 300m, 18 em 20.

Adolpho Ferreira Lima, alvo a 300m, 8 em 10.

Luiz A. Corrêa Saraiva, alvo a 300m, 16 em 20; alvo a 400m, 15 em 30.

Antonio Corrêa Pinheiro, alvo a 300m, 26 em 30; alvo a 400m, 9 em 10.

Fraga Pery, alvo a 300m, 9 em 10; alvo a 400m, 9 em 10.

Associação dos Atiradores Civis Estrella

Os socios d'esta associação fizeram 50 tiros, no alvo a 300m, acertando 31.

Eduardo Noronha, 15 em 20.

Paula Mello, 7 em 10.

Thomaz Coelho, 15 em 20.

Grupo Patria

Os socios d'este grupo fizeram 50 tiros a 300m, acertando 46 balas; no alvo a 400m, fizeram 20 tiros empregando 4 balas.

Alfredo Lopes de Azevedo alvo a 300m, 10 em 10; alvo a 400m, 1 em 10.

Joaquim Fernandes de Freitas, alvo a 300m, 18 em 20.

Guilherme Silva, alvo a 300^m, 18 em 20; alvo a 400^m, 3 em 10.

Grupo Suisso

Os socios d'este grupo fizeram 40 tiros, sendo 30 no alvo a 300^m, acertados 25; e 10 no alvo a 400^m, acertados 6.

Roberto Rogenmoser, alvo a 300^m, 16 em 20; alvo a 400^m, 6 em 10.

Emilio Kesselringer, alvo a 300^m, 9 em 10.

Alem d'estes atiradores, distinguiram-se os srs :

Francisco Maximo d'Abreu, alvo a 200^m, 5 em 10; alvo a 300^m, 8 em 10 e alvo a 400^m, 7 em 10.

Luiz Quaresma Val do Rio Junior, do grupo do Atheneu, no alvo a 300^m, 9 em 10.

Pereira Dias, alvo a 300^m, 16 em 20.

Miguel Carlos Alves, alvo a 300^m, 17 em 30.

Poule

No alvo a 300^m, fez-se uma poule em 10 tiros, maior numero de balas e em caso de empate o melhor agrupamento.

Da Associação dos Atiradores Civis P. x. tuzeiros

| | Balas acertadas |
|-------------------------------|-----------------|
| Manoel José de Magalhães..... | 10 |
| Luiz A. C. Saraiva | 9 |
| Gil Portocarrero | 9 |
| Antonio Corrêa Pinheiro..... | 9 |
| João M. Carvela | 9 |

Da Associação dos Atiradores Civis Estrela

| | |
|-----------------------|---|
| Thomaz Coelho | 8 |
| Eduardo Noronha | 7 |
| Paula Mello..... | 7 |

Do Grupo Patria

| | |
|----------------------------|---|
| Guilherme Silva..... | 9 |
| J. Fernandes Freitas | 8 |

Do Grupo Suisso

| | |
|--------------------|---|
| R. Rogenmoser..... | 9 |
|--------------------|---|

Ganhou o sr. Manoel José de Magalhães; foi um bello desafio em que todos se portaram com primor.

CLUB DOS CAÇADORES DO PORTO

Escola de tiro

Com a quarta e ultima série de 10 tiros a clavina, a 120 metros, realisada na passada quinta-feira, 2 de julho, terminaram os concursos de tiro a bala, d'este anno, na Escola de tiro do Club dos Caçadores do Porto, ficando ainda preso o encerramento dos concursos officiaes pelo que falta realisar de tiro a chumbo, que é, como já disse, a 25 e 26 do corrente, e por um torneio extraordinario de tiro a chumbo e a bala, em honra das sociedades de caçadores e atiradores de Portugal, se algum embaraço imprevisito não detiver o pensamento da direcção sobre este assumpto.

No dia em que se effectuar esta festa, que os socios do meu club aguardam com verdadeira ansiedade, serão entregues as medalhas aos vencedores nos concursos d'esta época, medalhas cujo numero vai ser, me parece, augmentado, como é justo, pois é, realmente, mesquinho, que em concursos como estes, em que se dispende dinheiro em armas e em cargas, tempo, para alguns bem precioso, e em que se assanham—quem sabe?—lesões de coração,—se confira um premio unico, assim como quem não quer dar importancia ao tiro a bala, ao qual, infelizmente, tanta gente é indifferente ainda, ou como quem pretende afastar em vez de attrahir á nossa Escola a concorrência.

Cremos ser tambem resolução assente que se faça, na abertura da caça uma caçada officia, pelos socios do club, revertendo o producto d'ella em favor de estabelecimentos de caridade. E' uma ideia esta, ha muito representada no meu espirito, mas que, não sei por que motivos, se não tem le-

vado a cabo. Oxalá que não aborte agora mais uma vez, como costuma succeder a tanta coisa boa, que são essas justamente as que com mais facilidade encontram offensores.

Vou dar-lhes a relação das percentagens obtidas por cada atirador na ultima prova, em os 10 tiros de clavina, a 120 metros, e da totalidade de pontos que cada um attingiu nos 40 tiros feitos:

| | Pontos | Total |
|------------------------|--------|-------|
| Alberto Andresen..... | 70 | 261 |
| João Andresen..... | 48 | 236 |
| Baptista de Sá..... | 73 | 212 |
| Santos Pinto..... | 58 | 207 |
| Amadeu Paiva..... | 45 | 166 |
| Costa Arantes..... | 30 | 158 |
| Guilherme Puls..... | 40 | 158 |
| Abilio Couto..... | 37 | 134 |
| A. Seara, (em 20)..... | 50 | 131 |
| A. Barros..... | 23 | 130 |
| A. Azevedo..... | 17 | 99 |

desistiram os seguintes atiradores:

Guilherme Wandschneider, que fez em 20 tiros 59 pontos; A. Vianna, que obteve 38 em 20; Antonio Calheiros, que alcançou 33 em 10; Andrade, que em 10 fez 11; um outro que não fez nada nos mesmos 10 e ainda outro, Meyrelles, que não pôde principiar sequer o concurso.

Guilherme Andresen, que chegou a fazer 157 pontos em 30 tiros, não pôde concluir, tambem, por ter emprehendido uma viagem pelo estrangeiro. Pena foi, porque este atirador havia de conseguir, sem duvida, uma das nossas melhores classificações.

Ganhou, pois, o premio, primeiro e unico, medalha d'ouro (vermelil), o sr. Alberto Andresen, que figura no cimo da lista com 261 valores.

Pela falta d'habito dos concorrentes em atirar á bala, foram magnificas no meu modo d'entender, as classificações em todos os concursos, pois, atiradores havia que atiravam á bala pela primeira vez.

Como eu lastimo, como todos nós sentimos que no Porto não haja uma carreira de tiro de grandes proporções, onde podessemos estudar o tiro de maior alcance! Estudos, projectos e promessas creio que se tem feito muitos; mas por enquanto a maior carreira que tem a cidade invicta é a nossa, que tem apenas de extensão 120 metros.

Para caçadores vai remediar e com ella muitos tem já lucrado e outros aproveitarão ainda; serve de muito para os que se quizerem exercitar no tiro ao porco, ao veado e a outros animais que o caçador gosta de matar á bala—mas para nos adefrarmos na arte da guerra, devemos concordar em que, posto ter o seu lado util, está longe de satisfazer plenamente.

Antes esta do que nenhuma, digo eu, e não serei eu só a pensar assim; mas esta para principiar e a outra para concluir, seria coisa para muito estimar e agradecer.

Fallo no meu humilde nome individual, como um ardente apaixonado, e não no nome d'uma collectividade inteira; estou, porém, intimamente convencido de que se Sua Excellencia o nobre ministro da guerra mandasse que no Porto se construísse uma carreira de tiro, sem luxo, mas apenas com as necessarias dimensões e material conveniente, não seria só o Club dos Caçadores que o adoraria como se adora um verdadeiro Deus.

Mas deixemos de prégar no deserto e vamos a concluir com a nota do ultimo torneio realisado, de tiro a chumbo, presidido pelo dr. Jayme Ribeiro: foi constituido com 3 pombos, 5 pardaes, 4 placas vitreas, 4 espheras d'agua e 4 de vidro: segue-se o resultado:

Tiros bons

| | |
|-------------------------|----|
| Santos Pinto..... | 19 |
| Antonio Santos..... | 17 |
| Dr. Pedro Ferreira..... | 16 |
| Arnaldo Moraes..... | 16 |
| Baptista de Sá..... | 15 |
| Carlos Albuquerque..... | 14 |
| Luiz Mexia..... | 12 |
| M. Freitas..... | 12 |
| Heitor Antunes..... | 10 |
| J. Mattos..... | 8 |
| A. Vianna, (em 16)..... | 14 |

Estou hoje massador, não é assim? Pois peço-lhes que tenham paciencia para me supportarem mais um bocado: só duas coisas apenas: preciso de participar aos meus novos socios honorarios e illustres proprietarios do Tiro Civil que a direcção entregou ha pouco, aos respectivos tribunaes, uns transgressores do defeso, que muito pretende ver punidos.

Só mais isto agora e nada mais:

Entrou ha pouco para o nosso gremio um rapaz de quinze annos, uma creança, que tem feito prodigios de habilidade nos tiros a chumbo que se fazem, aos diversos alvos, na nossa escola. Arnaldo Moraes é como elle se chama e o seu nome tem-se distinguido, como hoje, nas listas das classificações que este jornal tem publicado.

Remato por dar sinceros parabens a seu pae, Luiz Moraes, e a seu tio Julio d'Oliveira, seu mestre, ambos meus amigos, e companheiros de caça, por terem na sua estemma um caçador imberbe, que lhes ha de vir a fazer dar a agua pelas barbas, com respeito a caça, como já vai fazendo na nossa escola a alguns que são praticos no officio ha muito.

Parabens!

Porto, julho de 96.

Baptista de Sá.

O DEFESO

Queixas não faltam, mas vamos tambem registar, com prazer uma noticia que publicou um nosso estimado collega, que muitas vezes nos tem acompanhado na lucta pelo defeso, O Correio de Cintra. Eil-a:

E' digno de louvor o guarda n.º 4, Miguel Silvestre Crespo, que multou em 10\$000 reis Antonio Camillo, do sítio de Gallamares, por matar dois coelhos.

Se todos assim procedessem haveria menos abusos.

Cabem realmente louvores ao guarda Miguel Silvestre Crespo, por que cumpriu com o seu dever, e se todos assim fizessem não haveria a registar todos os dias uma infinidade de abusos. Por exemplo:

No domingo 5 do corrente foram vistos por muitas pessoas, cinco sujeitos da Porcalhota, muito conhecidos, a caçarem na serra da Mira, com cães, espingardas e furções; ora na Porcalhota deve haver, e ha, um delegado do sr. administrador de Cintra; nós appellamos para este cavalheiro a quem nos ligam relações de amizade ha muitos annos, para que mande syndicar quem são os taes sujeitos, ou enfão que encarregue d'esse serviço o guarda n.º 4; estamos plenamente convencidos que este saberá desempenhar-se d'essa commissão.

Em Bemfica tambem ha uns sujeitos, de quem já sabemos os nomes, que costumam sahir de noite aos coelhos; o sr. regedor não terá conhecimento d'estes factos? Creio que no caso de os ignorar lhe será facil saber quem são, e n'esse caso cumpre-lhe tomar providencias. Alem d'isso em Bemfica ha policia civil e a esta, nas suas

rondas nocturnas, ser-lhe-ha facil encontrar os chamados caçadores.

Em o nosso collega *A Folha de Beja*, de 2 do corrente, vinha a seguinte noticia:

Termina depois de amanhã o tempo em que é defeso, no concelho de Beja, caçar lebres, coelhos e perdizes.

E' para lastimar que assim seja; n'esta epoca que quantidade de criação nova de perdizes e coelhos é morta, sem prazerm-nos lucro para o caçador?

E' de absoluta necessidade, que o defeso comece e acabe ao mesmo tempo, já não diremos em todo o paiz, mas ao menos nas mesmas regiões; do estado tumultuario em que se encontra a nossa legislação sobre caça, tem sahido e fructificado o desleixo de uns e a impunidade de muitos a ponto do paiz estar quasi deserto de caça indigena. A caça, é uma riqueza publica e como tal é preciso que ella se não estinga por completo.

Anselmo de Sousa.

A CAÇA DAS CODORNIZES

HISTORIEMOS um pouco. A codorniz é oriunda da Africa, atravessa o Mediterraneo, descançando aqui e acolá nas ilhotas e penedos; muitas, exaustas, deixam-se tragar pelas ondas, outras são lançadas ao mar pela violencia dos temporaes.

Na Africa não são muito apreciadas, porque ha innumeradas especies de caça mais lucrativa do que a da codorniz, que lá abunda como no nosso paiz o pardal de trigo.

Mas as especies maiores tendem a rarear e quando a civilisação se tenha espalhado pelo interior da Africa, as codornizes hão de ser mais appetecidas e as emigrações tornar-se-hão menos numerosas.

Até lá façamos diligencia de aproveitar o melhor possivel os beneficios d'essa excellente avezinha.

Outr'ora os bandos emigrantes eram tão grandes que n'algumas ilhas da costa da Italia, o povo vivia somente do producto d'esta caça, que se fazia, á chegada, em março, abril e principio de maio e á partida em setembro e outubro. E tão grandes eram os rendimentos que o bispo de Caprea chegou a receber do dizimo perto de dois contos e quinhentos mil réis annuaes.

As codornizes espalham-se principalmente pela Grecia, Italia, França, Hespanha e Portugal.

Alem de ser optimo alimento a codorniz é muito benefica á agricultura.

Na verdade, sustenta-se, quando chega, de sementes maninhas que procura entre prados e trigaes, e persegue as larvas e insectos com encarniação gulodice, sobretudo na epoca das creações. Por isto evita o desenvolvimento deervas nocivas e a propagação de insectos destruidores.

Mais tarde, quando os calores abrazadores de julho e agosto tem ressequido as hervas e estas espalham as sementes, que irão no inverno proximo encher os campos de plantas inuteis, é ainda a codorniz que as levanta para a sua alimentação, beneficiando mais uma vez o lavrador que a despreza e que consente que a pobre avezinha seja destruida, *à tort et à travers*, nos mezes em que ella nos visita.

Appello para os agricultores, já que os caçadores nada fazem em seu proprio interesse.

A codorniz, nos poucos artigos com que a nossa lei regula a caça em Portugal, é considerada debaixo do nome generico de caça de arribação. O que comprehende: a gallinhola, caça pouco abundante que pouco tempo se demora nas nossas paragens; os tordos que chegam no tempo da azeitona, assim como os estorninhos; as rolas que criam nos pinhaes e cuja caça tem defesa; os patos bravos que veem procurar as nossas lagôas e rios, porque os gelos do norte lhes impedem as excursões natatorias, e um infinito numero de aves pela maior parte aquaticas.

O que caracteriza estas especies, é a pouca constancia no nosso clima, que procuram somente para fugir aos rigores do seu meio habitual.

Nenhuma d'estas aves cria em Portugal, com excepção da rola e do pato bravo que n'alguns sitios se aclima e onde fica um ou outro casal.

Mas a sua caça tem defeza.

Só a pouca attenção e a ignorancia que os antigos tinham sobre este assumpto pôde attenuar até certo ponto a inclusão da codorniz na mesma lei que abrange as especies pouco estaveis. A codorniz vem fazer as creações, o que não acontece a nenhuma das outras aves de arribação; logo se não quizerem incluil-a nas leis que respeitam às especies originarias do nosso paiz — e isso seria bem melhor do que o que se está fazendo — abra-se ao menos um capitulo especial para a codorniz.

Foi a França que primeiro reconheceu a necessidade de alterar as suas leis, que anteriores a 1789, ainda deixavam á fidalguia restos de feudalismo.

A assembléa de 4 de agosto de 1789, que supprimiu todos os privilegios do feudalismo, não poupou tambem o direito de caça, abrogou as leis anteriores e creou outras liberaes. Depois de grande discussão foi votada a lei de 30 de abril de 1790, de que o primeiro artigo era concebido n'estes termos:

«E' prohibido a todas as pessoas, caçar em todo o tempo e por qualquer meio, nas propriedades d'outrem, sem o seu consentimento, sob pena de 20 libras de multa para a communa do logar e uma indemnisação de 10 libras para o proprietario dos fructos, sem embargo de este instaurar processo por perdas e danos».

Este é um ponto a discutir que reservarei para mais tarde.

Não obstante aquella lei, Villeneuve, De Morny, Delespaul, o marquez de Langle e outros deputados que se dedicavam áquelle genero de sport, trabalharam denodadamente para alterar as leis da caça, conseguiram, e é d'ahi que deriva o esplendor que a arte venatoria tem hoje na França. A nova lei dizia tambem que todo o que caçar em propriedade alheia sem consentimento do seu proprietario é condemnado a pagar uma multa de 50 a 100 francos.

A lei actual igualmente mantem o direito de propriedade dizendo no artigo 1.º: Ninguem poderá caçar, em propriedade alheia sem consentimento do proprietario ou de quem faça as suas vezes; e no artigo 9.º diz: Os perfeitos dos departamentos, segundo as indicações do governo, publicarão editaes determinando, 1.º a epoca da caça das aves de arribação *exceptuando a codorniz*, etc.

Como se vê as codornizes não são incluídas na legislação que diz respeito às aves de arribação, a sua caça é regulada pelas mesmas leis que se referem às especies oriundas do paiz.

E' necessario conseguir o mesmo em Portugal; ao governo compete a revisão da legislação sobre este ponto, mas o tempo não chega nunca para tratar de coisas uteis.

Deixa-se isso á mercê das camaras municipaes, muitas vezes compostas de individuos que serão muito boas pessoas, mas de todo o ponto ignorantes em certos assumptos e que se deixam levar pelos pedidos de amigos a quem o mal comprehendido interesse obriga a prejudicar o povo.

Mas liguem-se as camaras e concelhos de Santarem, Cartaxo, Almeirim e Golegã, para na vasta area que superintendem manter rigorosa defesa da caça, incluindo a da codorniz; em tempo competente se conseguirá o resto.

Nos concelhos que indiquei ha proprietarios e amadores sufficientemente illustrados para terem a percepção dos beneficios que adviriam para essa região e para o interesse commum, se uma boa lei sobre este assumpto fosse rigorosamente cumprida.

D'esse numero são os srs. Manoel Gomes da Silva, Antonio de Vasconcellos, Manoel Veiga, João de Souza Falcão, dr. Joaquim Duarte Governo e tantos outros que tem influencia bastante para o conseguir, se o objecto lhes merecer consideração. E' questão de dar o exemplo; a accentuada corrente e o numero de adeptos constantemente maior, para a causa da arte venatoria, leva-nos a crêr que em breve estaria a caça vulgarisada em todo o paiz.

Infelizmente em Portugal, em tudo se mette o desgosto originado pelo bom resultado das causas d'outrem e conheço muita gente que prefere não ter que caçar, privando-se do exercicio que tem por mais salutar e hygienico, e de um goso que ambiciona, somente para *ne pas se rendre à l'evidence*.

Heitor Olavrac.

LEGISLAÇÃO SOBRE O TIRO

REGULAMENTO PROVISORIO

DA

CARREIRA DE TIRO

DA

ESCOLA DO EXERCITO

Approvedo pelo conselho de instrução da mesma escola

(Continuado do n.º 67)

Art. 33.º — A classificação será feita exclusivamente pelo numero de balas que acertarem na figura que servir de alvo, desempatando-se, quando for necessario, por uma nova serie de tiros, em numero que o jury fixará como julgar mais conveniente. Será considerado *muito bom* o atirador que, nos 10 tiros, acertar com 8 balas, pelo menos; *bom*, o que apenas aproveitar 6 ou 7 e *regular* o que acertar com 4 ou 5.

Art. 31.º — Em cada um dos concursos será conferido um premio a cada um dos tres primeiros classificados segundo as normas dos artigos 29.º e 33.º, contanto que tenham merecido a nota de *muito bom* ou *bom*. Os premios do concurso de que trata o artigo 27.º consistirão em livros que versem com elevação qualquer assumpto militar ou intimamente ligado com as sciencias militares; os premios do concurso para os alumnos que frequentam o ultimo anno do seu curso consistirão em artigos de armamento para official, ou de uso frequente no serviço proprio dos officiaes em campanha. Uns e outros serão offerecidos pela carreira de tiro da escola e receberão, em logar adequado, uma breve inscripção commemorativa do acto em que foram conferidos.

Escola do exercito, 4 de fevereiro de 1895. — Feliciano Henrique Bardallo Protes Pinheiro, tenente coronel de artilheria, lente provisorio da 4.ª cadeira. — José Nicolau Raposo Botelho, major do estado maior de infantaria, lente provisorio da 2.ª

cadeira. — João Segundo Adeodato Rolla Lobo, major do estado maior de artilheria, lente provisorio da 7.ª cadeira. — Fernando da Costa Maya, capitão de cavallaria, lente da 3.ª cadeira. — José Nunes Gonçalves, capitão de artilheria, lente provisorio da 6.ª cadeira.

(Modelo A)

Numero de classificação...

ESCOLA DO EXERCITO

CARREIRA DE TIRO ESCOLAR

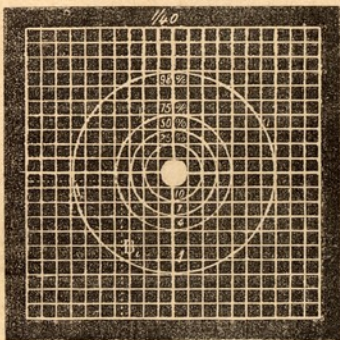
Grupamento de concurso a ... metros

Sessão em ... de ... de 189 ...

Nome ...

Numero de pontos obtidos ...

Classificação especial ...



ASSIGNATURAS

ATÉ QUE EMFIM!

Até que emfim, entram de despertar, por toda a parte, os caçadores, do longo e pesadissimo somno que os mantinha n'uma apathia continua e profundissima! Até que emfim!

O Porto, Coimbra, Vianna do Castello, Thomar, Villa Viçosa, Villa Nova de Famalicão e outras terras ainda possuem sociedades de caçadores, e Lisboa, que se presa de ter fillos de Nemrod como El-Rei D. Carlos, não procederia bem se não fundasse, como acaba de fundar, a sua associação de caçadores, com o identico e louvavel fim de proteger a caça, no *defeso*, que tão descurado tem vivido.

Parabens, pois, á cidade de Lisboa, parabens aos caçadores lisboenses e parabens, ainda, aos fundadores da sociedade que vem de ser instituida.

Ha muito que o Porto deu o exemplo que bastante tempo levou a ser seguido; o brio e a actividade dos fillos de Diana, que as garras aduncas do desleixo haviam até aqui detido em si, poderam ainda a tempo, libertar-se d'essa prisão ineptizante, d'esse definhante captivo, e cil-os, agora, a combater, com delirante enthusiasmo, em proveito d'uma causa justa, da mais viva raizão que ha no mundo.

Até que emfim!

Está mil vezes demonstrado que a caça, entre nós, caminha a passo de gigante para a sua ruina completa; é necessario, pois, destruir as causas que contribuem para o seu aniquilamento, contrapondo-lhes esforços e vontades, sem descançar um só momento, sem nos alliviar dos cuidados com que é preciso alimentar o pleito que ora, mais acceso, se litiga.

Eram poucos, até hoje, os elementos de que dispunhamos para podermos vencer a

mal azada demanda por cuja decisão se empenham d'um lado os caçadores conscienciosos, do outro os transgressores do *defeso*; mas agora que as nossas forças são fortalecidas pelas sociedades florescentes de batalhadores venatorios, terão de perecer, por força, os motivos de desanimo, para cederem o logar ao empenho forte e vigoroso, que está posto em campo, brandindo a espada flammifera que hade vencer o inimigo, impreterivelmente.

E' forte e bem temivel o exercito contrario, constituido por amestrados guerrilheiros, cujo fogo, d'emboscada, á falsafé, tem vantagens incontestaveis sobre aquelle que é feito em campo plano, com inteira lealdade, a peito descoberto; as suas armas, porém, são ainda de pederneira, primitivas, quasi, e não podem, portanto, exercer supremacia sobre as modernas, sobre uma Kropastcheck ou Mannlicher.

hão de render-se, forçosamente, os combatentes sem rasão, porque a sua causa é iniqua e injucunda. E' indispensavel, todavia, não arrefecermos no caminho, não nos deixarmos possuir do desalento, porque isso equivaleria a entregarmos-n'os, humilhados sob o peso d'uma baixeza duplamente degradante.

A'vante, pois!

Porto, julho de 96.

Baptista de Sá.

O RHINOCERONTE

O rhinoceronte, caça terrivel e monstruosa, é o maior dos mammiferos terrestres, depois do elephante. A rija pelle desafia as balas e as lanças, sobre o nariz levantam-se uma ou duas pontas, arma terrivel. Estupido e feroz, brutal e vingativo, constantemente agitado por mysteriosas coleras, formidaveis arrebatamentos, ataca as arvores, as moitas, os rochedos, que o cego furor lhe faz julgar como caçadores.

Caçando a terra com o mortifero chifre, fazendo-a voar sob os pés de bronze, este possesso tem transportes phreneticos que nada explica. Todos os animais o temem, elle não teme nenhum. Que choque poderia abalar este colosso? Que dente ou garras poderia rasgar-lhe a couraça?

O homem é o unico inimigo que o rhinoceronte receia. Ordinariamente caçam-no a cavallo e, quantas vezes tem succedido atirar ao ar, com a prodigiosa cabeçada, cavallo e cavalleiro!

No Soldão e Nubia, um caçador habil e valente, tão experimentado como intrepido, é enviado pelos seus companheiros ao encontro do colosso que excita e desafia, que enfurece, mas de que evita, com dextreza admiravel, os ataques bruscos e repetidos.

Depois, fugindo e dando voltas com habil estrategia, leva a pouco e pouco o monstro para junto das grandes arvores onde estão empoleirados outros caçadores, e, enquanto foge para longe levado pelo galope do seu veloz cavallo, uma chuva de balas recebe o rhinoceronte, bem visado na parte vulnervel da couraça, e que avança com tal furia que muitas vezes não pôde tirar o chifre do tronco em que o cravou como se fôra uma espada.

Eil-o então prisioneiro de si proprio, immovel, ferido, arquejante, suffocado pela raiva, de ventas fumegantes, bocca espumosa, escarvando o solo, succidindo-se e fazendo vão esforços para soltar-se.

Immediatamente os caçadores descem das arvores com precauções que facilmen-

te se explicam; as espingardas, novamente carregadas disparam-se, as flechas partem e as lanças cravam-se.

O colosso está morto.

Errante, solitario e detestado, o rhinoceronte, esse grande pária do deserto, teria acabado finalmente por succumbir ás balas do europeu, ás flechas e azagaias do indigena, se não tivesse por protector e amigo, uma pequena ave.

O gracioso volátil de affeições monstruosas, de sympathias singulares, tem extrema amizade pelo rhinoceronte.

Pousado sobre o ramo d'uma arvore, a avesinha tem o direito de dizer vendo passar o seu monstruoso companheiro:

«Se não fosse eu, que não sou maior do que um pintasilgo, este monstro teria desaparecido da superficie do globo. Sou eu quem o protego, eu que nada valho, e sob a minha guarda fiel, vive, cresce, multiplica-se.»

Quando tudo foge deante do rhinoceronte, a pequena ave aproxima-se, vultija ao redor da sua cabeça horrivel, pousa-lhe sobre o lombo e canta sobre o terrivel chifre. Não o deixa nunca, vella sempre.

O seu faro é maravilhoso, a finura admiravel. Não ha emboscada que não evite, perigo que não advinhe, fera ou caçador que não engane.

Quando o rhinoceronte procura alimento, acompanha-o o passarinho e faz sentinella. Apenas se apresenta um perigo, a ave solta pios agudos e o monstro, prevenido, foge, levando sobre o chifre ou sobre o lombo a pequena vedeta.

Quer o rhinoceronte paste em campos desertos, tome banho á borda d'um rio, ou durma profundamente n'um lameiro, tem sempre o guarda vigilante, o amigo que vella durante as refeições, os prazeres, ou o somno.

No passeio, no combate, no banho, á mesa, na cama, a avesinha segue-o sempre. O perigo não pôde surprehendê-lo, e o grito d'alarmá, sempre ouvido, sempre comprehendido, resôa nas solidões como trombeta.

São notas stridentes, prolongadas que chamam por soccorro, um ruido incrível, ensurdecedor, que não se suspeitaria na garganta de tão pequena ave. Se o rhinoceronte é o flagello das plantações e o terror dos animais, a pequena ave é o desespero dos caçadores.

Assim, está descoberto o retiro do monstro, as flechas e as espingardas promptas, os caçadores avançam. Tudo está silencioso. Atravez das moitas, vê-se o enorme corpo do rhinoceronte.

Dorme. Mas está alli o seu guarda invisivel.

Os caçadores approximam-se mais, as carabinas vão disparar-se, as flechas partir; se o monstro accordar n'aquelle momento estará moribundo.

De repente soam os pios agudos do meio das moitas. E' o grito de alarma. O rhinoceronte levanta-se rapido e com o seu pequeno salvador sobre a cabeça ou sobre o pescoco, foge voltando para os caçadores as ancas couraçadas. Depois de carreira furiosa em que derruba arvores e espanta feras, o rhinoceronte, pára arquejante e extenuado. Então o pequenino cavalleiro esvoaça em torno do gigante que lhe deve a vida e entoa o canto da victoria.

(Continúa)